

AÇÕES EMPREENDIDAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ANGICOS: 50 ANOS DEPOIS DAS 40 HORAS

GURGEL, Rita Diana de Freitas – UFERSA – rdiana@ufersa.edu.br;

ARAÚJO, Éder Jofre Marinho Araújo – UFERSA – edermarinho@ufersa.edu.br

RESUMO

No ano de 2013 comemorou-se o cinquentenário das “40 horas de Angicos”, experiência pioneira de alfabetização de adultos, empreendida pelo educador Paulo Freire, que em 1963 alfabetizou 300 agricultores da região semiárida do Rio Grande do Norte. O trabalho de Freire, que se insere num contexto de campanhas e projetos de combate ao analfabetismo no Brasil no século XX, assumiu papel de destaque dentre os movimentos de grande envergadura no campo da Educação de Jovens e Adultos e de Educação Popular em função da sua proposta pedagógica que aliava a alfabetização à politização dos sujeitos. De meados do século XX aos nossos dias, campanhas, projetos e programas se sucederam, sem atingir os objetivos a que se propuseram. As razões para o insucesso são explicitadas em função de fatores econômicos, políticos ou sociais, o que nos dá a impressão de uma inércia, fruto de uma impotência ou vontade política do Estado brasileiro em mudar a realidade neste campo. Passados 50 anos da ação de Freire, Angicos possui índice estimado de analfabetismo da ordem 26,34%, o que corresponde, em números absolutos, a mais de 3000 habitantes! Neste trabalho, discorreremos acerca dos esforços empreendidos pela Secretaria Municipal de Educação, pela Secretaria de Estado de Educação e Cultura (SEEC/RN) e pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), pela ocasião da assinatura do Pacto Paulo Freire pela EJA, em 2013.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Educação Popular. 40 Horas de Angicos.

1 JUSTIFICATIVA

A presença de Paulo Freire no cenário norte-rio-grandense se deu por convite do governo do estado, o então governador Aluísio Alves para efetivar a experiência de

alfabetização em Angicos, sua cidade natal. Além de fazer a ressalva da não interferência política na sua ação, Freire aceitou os recursos para a ajuda de custo dos graduandos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e de alguns estudantes secundaristas que acreditaram e se dispuseram a colaborar com sua proposta pedagógica. Mais do que um projeto de alfabetização, a ação significou lançar as bases para um amplo projeto de educação popular e de construção de um novo projeto de País que primasse pelas relações democráticas.

As experiências pessoais de vida somadas ao contexto em que estava inserido no início de sua carreira como educador, desafiaram Paulo Freire a buscar respostas, no campo da educação, para os graves problemas que o Brasil enfrentava, em especial, a região do Nordeste (marcada até hoje por baixos indicadores sociais). Sua primeira experiência foi no SESI (Serviço Social da Indústria), onde trabalhou no período de 1947 a 1957 com famílias operárias nos Círculos de Pais e Professores. Lá experimentou o que ele mesmo chamou de uma educação social. Desde seus primeiros escritos, Freire se comprometeu com a construção da consciência crítica e com uma nova maneira de educar que contribuísse para que as pessoas pudessem analisar melhor a realidade vivida e para que fossem capazes de agir sobre ela de forma reflexiva, transformando-a. Para ele, refletir sobre educação é refletir sobre o próprio ser humano, pois, educar é promover a capacidade de interpretar o mundo e agir para transformá-lo.

Mas anterior ao conhecido projeto de Freire, outras iniciativas direcionadas ao “combate ao analfabetismo” foram empreendidas. A primeira Campanha de Educação de Adultos se deu no ano de 1947. Ela foi instituída pelo Governo Federal e desenvolvida pelo Ministério da Educação, mas ainda nos “moldes de alfabetização tradicional que simplesmente desenvolviam o ensino da leitura, da escrita e do contar, sendo inteiramente alienante na sua metodologia” (GERMANO, 1989, p.23). No entanto, foi um marco para a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos.

A partir do final da década de 1950, a criação de campanhas se intensifica. Assim, já em 1958, se criou as Escolas Radiofônicas, no Estado do Rio Grande do Norte (RN), que evoluiu para uma ação mais abrangente denominada de Movimento de Educação de Base (MEB), em 1961; a Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler no Município de Natal/RN, em 1961; as 40 Horas de Angicos, na referida cidade, interior do RN, em 1963; o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) de abrangência nacional, em 1967; o

MOVA, criado por Freire em São Paulo em 1989, que evoluiu dando origem em 2003, ao Projeto MOVA Brasil. Neste mesmo ano, o Ministério da Educação (MEC) lança o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), ainda em vigência.

As Escolas Radiofônicas, que faziam parte do Serviço de Assistência Rural (SAR), foram uma das ações sociais do Movimento de Natal, realizada pela Arquidiocese de Natal, que tinha a função de alfabetizar por meio do rádio, mas também desempenhava outras ações sociais, como: a conscientização e a politização das populações rurais, inicialmente a nível estadual, sob a responsabilidade do então Bispo Dom Eugênio Sales. Segundo Ferrari “O próprio método de alfabetização era um processo de conscientização e politização, partindo não das tradicionais cartilhas de alfabetização, mas de termos como povo, voto, liberdade, libertação, trabalho, salário, direito, dignidade, justiça, [...]” (FERRARI, 1968, p.85). Por ter tido bom êxito, logo tomou expressão nacional transformando-se em Movimento de Educação de Base (MEB).

Já em 1963, ano marco não somente para a EJA no Brasil, mas também referência para o mundo, foram empreendidas as 40 Horas de Angicos, no interior do Rio Grande do Norte. Esta foi uma experiência pioneira realizada pelo educador Paulo Freire que começou a tomar corpo no final do mesmo ano, mas que foi interrompida pelo Golpe Militar de 1964. Ela foi expressiva pela eficácia nos resultados e revolucionária quanto ao tempo empregado para alfabetizar um adulto. Apesar de interrompida pelo Golpe Militar, expandiu-se para outras nações levada pelo seu mentor Paulo Freire quando no exílio.

Muitas coisas concorreram para que o educador Paulo Freire chegasse até a cidade de Angicos, encravada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, onde realizou a experiência de Alfabetização e conscientização de Adultos, não mais a nível laboratorial, como ocorreu na Cidade de Recife no ano de 1962, feita no MPC, em Recife. (FÁVERO, 2012)

Sabemos que o cenário político da época foi favorável para que essa ação fosse realizada não em Pernambuco, mas no Rio Grande do Norte. Não na Capital, mas no interior deste. Tal deslocamento para o interior não se deu por estar Natal em melhor condição em relação aos demais municípios, quanto à multidão dos analfabetos, mas porque na Cidade do Sol já estava em andamento a Campanha do Prefeito Djalma Maranhão, De Pé no Chão também se Aprende a Ler, implementada pelo Secretário de Educação, Moacyr de Góes, e também porque Aluizio Alves, ao reconhecer que o analfabetismo impedia que seus

conterrâneos pudessem votar, empreendeu o início da experiência a partir da sua própria casa, Angicos, que contava com apenas 800 eleitores. Significativo foi o resultado, pois 300 pessoas foram alfabetizadas, ou seja, um incremento de mais 300 eleitores, o que certamente fazia a diferença na balança eleitoral.

A ação foi custeada pelo governo do estado com o dinheiro da Aliança para o Progresso, programa dos Estados Unidos, que funcionou de 1961 a 1970, com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico mediante a colaboração financeira e técnica em toda a América Latina (RIBEIRO, 2006). O trabalho ocorreu nos primeiros meses de 1963 e teve a conclusão em meados de março, mas foi oficializada somente em 02 de abril de 1963, com a presença do Presidente João Goulart. Participaram da cerimônia de encerramento as maiores autoridades do País que puderam constatar a sua eficiência e eficácia. O resultado foi fulgurante. Com o êxito, a presidência da República planejou expandir para todo o território nacional. Para isso, em fins de 1963 foi elaborado o Plano Nacional de Alfabetização (PNA), visando alfabetizar cinco milhões de jovens e adultos em dois anos. O PNA teve início no Estado do Rio de Janeiro, mas foi interrompido logo após o Golpe Militar de 1964, pondo fim ao sonho de transformação do país por meio da alfabetização politizada e forçando o educador Paulo Freire ao exílio. Esse trabalho de Freire foi o único que, além da sua ação no território nacional, também foi levado e praticado com êxito em outros países do mundo, principalmente nos do hemisfério sul, América Latina e África.

Em Angicos, pós-golpe Militar, a ideologia governamental atuou na intenção de cancelar a memória da experiência, aplicando aos atores do sucesso (coordenadores dos Círculos de Cultura e educandos), o terror da designação de subversivos e punindo-os com a imposição do silêncio obsequioso à sua força ostensiva. Todo o material encontrado da experiência foi destruído.

Passa, então, Angicos, novamente, a ser colocada entre os incontáveis municípios estatizados no tempo e no espaço. Paciente na inércia da ignorância imposta pelo obscurantismo dos que temiam perder o poder de dominar por meio da ignorância do povo. O tempo passa, as pessoas morrem, as letras desaparecem com o consumir-se do papel, os regimes mudam, mas os ideais de mudança não desaparecem, não morrem, são eternos.

No ano do cinquentenário das 40 Horas de Angicos observamos que a pequena chama acesa por Freire no coração dos angicanos não sucumbiu frente à obscuridade dos tempos de

trevas a que ficaram sujeitos. Com a chegada da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Angicos, o trabalho de resgate das ações de Freire é retomado.

2 RESULTADOS ESPERADOS

Para se compreender o cenário e situar o trabalho de Paulo Freire, apresentaremos neste trabalho algumas ações no campo da EJA e da Educação Popular: a Assinatura do Pacto Paulo Freire pela EJA, a construção do Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação e a construção do Plano Municipal de Educação, alinhado ao novo Plano Nacional de Educação, sancionado pela Presidenta da República no último dia 26 de junho do corrente.

O Memorial constituir-se-á em um espaço de registro e difusão dos bens da cultura material e imaterial produzidos por Paulo Freire, através da oferta de exposições permanentes, de exposições temáticas periódicas, de apresentações culturais, de cursos de formação de professores, de oficinas, congressos, colóquios e seminários, dentre outros; local de registro e de resgate sistemático da memória histórica e cultural da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Popular na região do semiárido norte-rio-grandense; e espaço de concepção e de execução de práticas inovadoras e interdisciplinares à proposta pedagógica de Freire.

Por fim, destacaremos que, não obstante terem existido tantos empecilhos, 50 anos depois, a pedagogia freireana é tão atual como fora no passado. Mais recentemente, o governo federal lançou o Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas, alicerçado nos princípios freireanos.

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Osmar. Paulo freire: primeiros tempos. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-1/Educacao-MII/3SF/Primeiros_tempos.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2012.

GERMANO, José Willington. **Lendo e aprendendo:** A Campanha de Pé no Chão. 2.ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

RIBEIRO, Ricardo Alaggio. **Aliança para o Progresso e as Relações Brasil-Estados Unidos.** Tese de Doutorado. 375 fls. Departamento de Ciência Política de do Instituto de